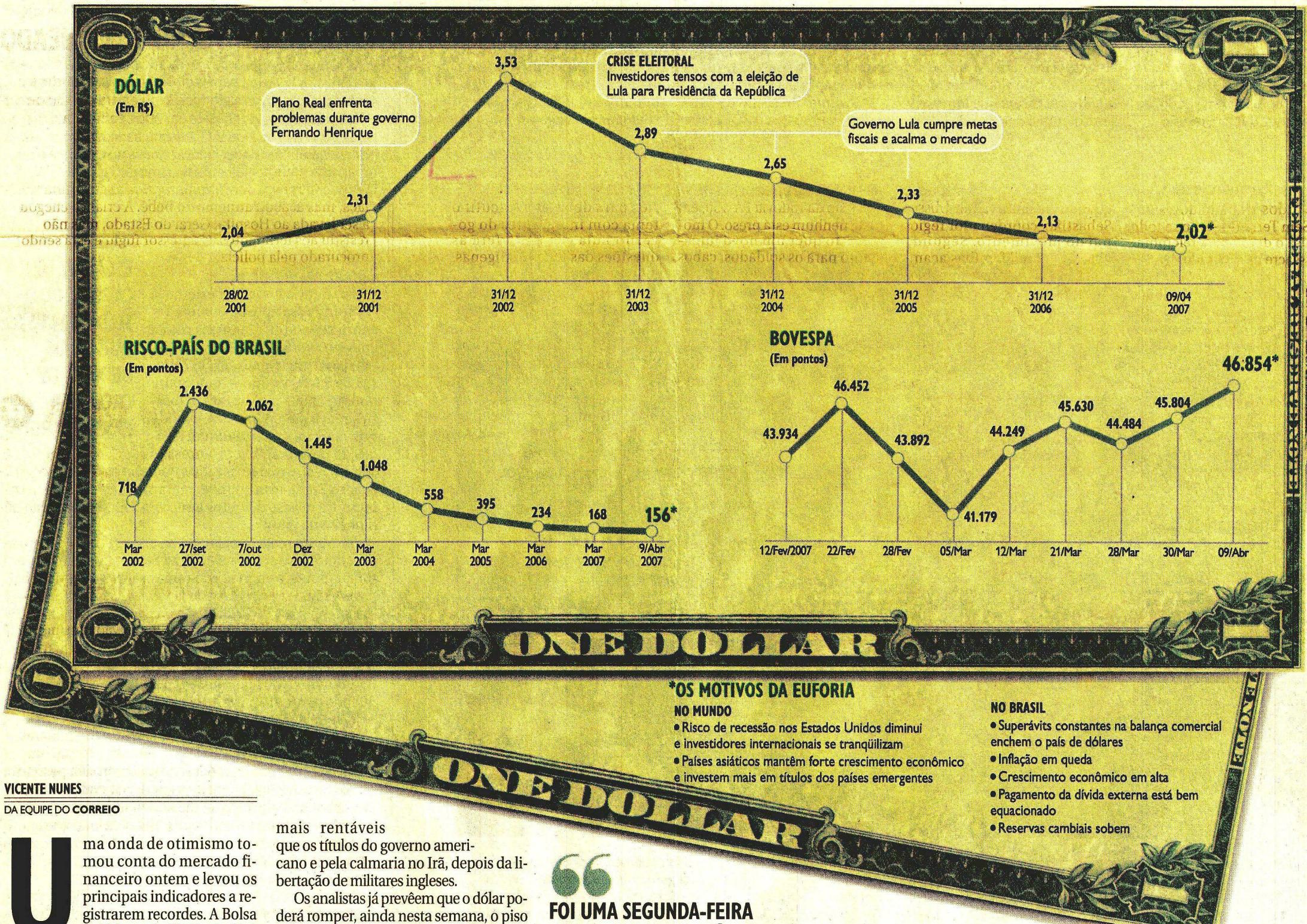


BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO	
Na segunda (em %) + 0,45 São Paulo + 0,07 Nova York	Índice da Bovespa de São Paulo nos últimos dias (em pontos) 46.288 46.854 03/04 04/04 05/04 09/04	Titular da dívida externa brasileira, na segunda US\$ 1,132 (▼ 0,22%)	Segunda-feira (em R\$) 2,025 (▼ 0,34%)	Últimas cotações (em R\$) 30/março 2,06 02/março 2,04 03/março 2,03 04/março 2,03 05/março 2,03	Turismo, venda (em R\$) na segunda-feira 2,820 (▼ 1,50%)	Na BM&F o grama (em R\$) R\$ 45,300 (▼ 2,58%)	Prefeito, 30 dias (em % ao ano) 12,43%	IPCA do IBGE (em %) Outubro/2006 0,33 Novembro/2006 0,31 Dezembro/2006 0,48 Janeiro/2007 0,44 Fevereiro/2007 0,44

Economia - Brasil

TRIPLO RECORDE

Contexto favorável reduz cotação do dólar, diminui risco-país e amplia alta da Bolsa de Valores de São Paulo



VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Uma onda de otimismo tomou conta do mercado financeiro ontem e levou os principais indicadores a registrarem recordes. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) encerrou o dia nos 46.854 pontos, com alta de 0,45%, o maior patamar da história, rompendo, em alguns momentos do dia, a barreira dos 47 mil pontos. O dólar caiu 0,39%, para R\$ 2,025, o menor valor em seis anos. O risco Brasil, que mede o humor dos investidores estrangeiros, fechou nos 156 pontos, com queda de 4,9%, depois de baixar até os 154 pontos, piso nunca testado antes. "Foi uma segunda-feira para ficar na história", disse o economista-chefe da Corretora Liquidez, Marcelo Voss.

Os analistas já prevêem que o dólar poderá romper, ainda nesta semana, o piso psicológico de R\$ 2. Para isso, listam dois fatores preponderantes. Primeiro: a balança comercial, cujo saldo será inflado, a partir de agora, pelas exportações agrícolas — o pico vai de abril a junho. De posse dos dólares, os produtores tenderão a trocá-los por reais, para se beneficiarem das altas taxas de juros no país. Os primeiros quatro dias de abril já sinalizaram o imóvel exportador. As vendas ao exterior superaram as importações em US\$ 859 milhões. Foi o segundo maior saldo em uma semana desde o início do ano.

O segundo fator a empurrar o dólar para baixo é a disposição dos investidores estrangeiros em direcionar recursos para o setor produtivo, de olho nas melhores perspectivas de crescimento da economia. As projeções apontam para investimentos diretos de até US\$ 25 bilhões, o maior volume desde 2000, quando se encerrou o ciclo de privatizações do governo Fernando Henrique Cardoso. "Os atuais fundamentos da economia brasileira — inflação sob controle, juros em queda e consumo interno aquecido — justificam tantos dólares vindos para o país e uma cotação abaixo de R\$ 2", afir-

mais rentáveis que os títulos do governo americano e pela calmaria no Irã, depois da libertação de militares ingleses.

Os analistas já prevêem que o dólar poderá romper, ainda nesta semana, o piso psicológico de R\$ 2. Para isso, listam dois fatores preponderantes. Primeiro: a balança comercial, cujo saldo será inflado, a partir de agora, pelas exportações agrícolas — o pico vai de abril a junho. De posse dos dólares, os produtores tenderão a trocá-los por reais, para se beneficiarem das altas taxas de juros no país. Os primeiros quatro dias de abril já sinalizaram o imóvel exportador. As vendas ao exterior superaram as importações em US\$ 859 milhões. Foi o segundo maior saldo em uma semana desde o início do ano.

O segundo fator a empurrar o dólar para baixo é a disposição dos investidores estrangeiros em direcionar recursos para o setor produtivo, de olho nas melhores perspectivas de crescimento da economia. As projeções apontam para investimentos diretos de até US\$ 25 bilhões, o maior volume desde 2000, quando se encerrou o ciclo de privatizações do governo Fernando Henrique Cardoso. "Os atuais fundamentos da economia brasileira — inflação sob controle, juros em queda e consumo interno aquecido — justificam tantos dólares vindos para o país e uma cotação abaixo de R\$ 2", afir-

mou Víctor de Souza, responsável pela Área de Renda Fixa Internacional do Banco Banif Investimentos. "O Brasil mudou muito desde 2002, quando o dólar chegou a ser cotado a R\$ 4 e o risco-país passou dos 2.400 pontos, devido ao temor de um governo Lula", acrescentou o analista.

Fusões e crescimento

No quadro traçado pelo mercado, com o dólar abaixo de R\$ 2, a Bovespa tenderá a registrar sucessivos recordes. Pelas contas de Alvaro Bandeira, diretor da Corretora Ágora, há a possibilidade de o pregão paulista encerrar o ano nos 52 mil pontos. Ele ressaltou, porém, que não será uma trajetória contínua de alta. O Ibovespa, que mede a lucratividade das ações mais negociadas no mercado brasileiro, se mostrará bastante volátil, exigindo sangue frio por parte dos investidores.

Ontem, lembrou Marcelo Voss, a Bovespa teve a seu favor rumores de fusões entre grandes empresas.

No setor de telecomunicações, o mercado dá como certo o casamento entre a Brasil Telecom e a Telemar. As ações das duas empresas foram as que mais subiram. Os papéis da Brasil Telecom computaram valorização de 6,30% e os da Telemar, 6,25%. Os investidores também se ouriçaram com a possibilidade de o Banco do Brasil assumir o controle da Nossa Caixa. As duas instituições, porém, negaram a operação. "São os processos de fusões e aquisições que têm sustentado a alta das bolsas europeias e não será muito diferente no Brasil", disse Voss, ressaltando que, a partir de hoje, os investidores estarão de olho nos resultados das grandes empresas americanas.

Na opinião de Zeina Latif, economista-chefe do Banco Real ABN Amro, os bons ventos que estão levando o dólar para baixo, o risco-país para seu piso histórico e a Bovespa para sua maior pontuação não se restringem ao Brasil. "Todos os países emergentes estão sendo beneficiados pela onda de otimismo que domina o

mundo. As moedas dos países emergentes também estão bastante valorizadas frente ao dólar e suas taxas de risco, no chão", assinalou. Para ela, se o Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre deste ano, a ser divulgado nos próximos dois meses, confirmar o crescimento mais forte da economia brasileira, a euforia em relação ao Brasil tenderá a aumentar.

Em Washington, o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Rodrigo de Rato, afirmou que os riscos que pesavam sobre a economia mundial diminuíram muito nos últimos seis meses. "Não penso que os riscos sejam maiores do que eram há seis meses. Até penso que diminuíram um pouco. Porém, alguns desses riscos são diferentes e há a consciência maior das incertezas e dos paradoxos de nossa prosperidade atual", frisou.